

## O HUMOR É UNIVERSAL

Sírio Possenti

*Estadual de Campinas University (Unicamp), Brasil*

### Abstract

It is said that humour is cultural, particular. The claim in this paper is that, quite on the contrary, it is universal, for its subjects and even its fundamental techniques are universal. Certain aspects of technique (certain linguistic games) or features of the characters (the appearance of a politician, for instance) may be particular. But the subjects are universal: politicians are corrupt or incompetent, spouses betray, schools are awful, peoples or ethnicities are deemed stupid, greedy, filthy, lazy, and so on. Compilations of jokes from different countries or on different subjects are clear evidence for this. Physicians and attorneys are subject to the same jokes in different countries. Books that attempt to portray the specificities of humour in each country or region quote jokes that would be typical, but even a layman could ascertain that they are not. Jokes related to Portuguese people in Brazil are the same in France about the Belgian, in the United States about Polish, etc. What is not universal in humour are certain circumstances or unusual aspects, which here will be considered secondary. Varied reasons, in general pragmatic – knowledge shared by listeners, for instance – can explain the lack of success of jokes or comic routines in theatre or the movies. But such issues do not concern cultures, rather they involve knowledge of listeners or of specific social groups.

**Key words:** Humour; Jokes; Circumstance; Themes; Techniques; Culture.

### I. A tese

Gostaria de retomar uma posição já antiga (Possenti 1998) sobre uma velha tese quase popular, e tentar mostrar que ela é falsa, ou, pelo menos, que é falsa quando tomada restritivamente. Refiro-me à tese bem conhecida segundo a qual *o humor é cultural*. Em uma de suas interpretações, a tese significaria que: (a) só o humor é cultural ou (b) que o humor é mais cultural, mais dependente da cultura, do que outros textos, ou mesmo outros comportamentos, como pedir café em um bar, seguir as regras de uma cerimônia de casamento, etc. Em ambas as interpretações, sustento que a tese é falsa.

Em outra interpretação, que não leva muito a sério as implicações decorrentes do artigo definido que inicia a referida tese (*o humor é cultural*), a afirmação é obviamente verdadeira, porque o humor é cultural, mas o é apenas no sentido de que tudo o é. Nessa interpretação, a tese é inócua. Nada – ou pouco – acrescenta à compreensão do fenômeno.

Embora as teses em questão não sejam equivalentes a hipóteses científicas (as das ciências da natureza), vale a pena aceitar que há com elas uma analogia. Sendo assim, se eu adotasse uma posição filosófica *popperiana* clássica (Popper 1959), teria que abandonar minha hipótese se ela fosse falsificada por pelo menos um fato. No entanto, a posição popperiana é superada, a meu ver, pela de Lakatos, talvez mesmo pelo Popper tardio (Popper 1963). Lakatos (1970) sustenta, em resumo, que uma teoria é melhor do que outra se explica mais questões empíricas, mesmo que seja falseada em determinados casos, isto é, mesmo que não explique alguns fatos. A meu ver, a tese de que o humor é universal dá conta de casos mais numerosos, e, além disso, explica *melhor* as questões mais relevantes do campo, quais sejam os *temas e a natureza das técnicas*.

Para tornar claras tanto a tese corrente (o humor é cultural), quanto minha posição contrária a ela, creio que vale a pena comentar aspectos de um livro dedicado especificamente ao tema, *Le tour du monde du rire* (Daninos 1953). Não vou fazer dele uma apresentação detalhada, mas apenas mencionar algumas passagens significativas, o que será suficiente, a meu ver, para mostrar a fragilidade da tese. No prefácio, Pagnol (1953) explicita claramente que não são os mesmos temas que fazem rir povos diversos. Exemplifica com o sucesso das comédias francesas sobre os maridos traídos e o absoluto insucesso dessas comédias tanto entre ingleses quanto entre americanos. Sendo mais específico, afirma que, enquanto o cornudo faz rir os franceses, para os americanos ele é apenas um “homem roubado, vítima de um abuso de confiança - e que o único sentimento que pode inspirar é a piedade” (pp.8-9) e que, na Inglaterra, “um marido enganado não passa de uma personagem um pouco embaraçosa, e sem grande interesse. Ele só faz rir os povos latinos...” (p.9).

Sem discutir detalhes, observe-se que o autor não leva em conta as técnicas que produzem humor, restringindo-se ao tema. Ora, nenhum tema é, por si mesmo, criador de riso. Como se sabe, o humor deriva da técnica, não do conteúdo. Acidentes graves não divertem ninguém, e o chamado humor negro que propiciam deriva de fatores que não têm nada a ver com as desgraças. O “cornudo”, para ficar no exemplo, não é sempre objeto de riso nem mesmo na França ou na Itália. Tanto isso é verdade que são as mesmas técnicas podem ser encontradas tanto no dito humor negro quanto no humor político, sexista ou racista.

A tese da diversidade do humor (e, portanto, de sua dependência cultural) apresentada nesse livro ganha mais clareza em Daninos (1953), que, inclusive, associa o senso de humor a características climáticas. Diz que o “humor é uma planta que requer bastante água e uma alternância bem marcada de estações. O *sense of humour* de um londrino tem tendência a secar e a se consumir quando é transplantado para seus Antípodas. Nosso inglês se tornará um bom australiano, mas um triste humorista” (p.11). E acrescenta:

Contrariamente a uma idéia preconcebida, o calor e a intensidade do sol engendram mais freqüentemente melancolia do que alegria. O italiano torna-se cada vez mais sombrio à medida que se desce ao longo do cano da bota. E o brasileiro, que tem sol durante todo o ano, é infinitamente menos

alegre que o cidadão de Aberdeen, onde chove duzentos e treze dias por ano” (p.11).

Creio que podemos duvidar dessa afirmação, mas não, evidentemente, para afirmar a tese quase contrária, e tão desprovida de fundamento quanto esta, segundo a qual o brasileiro faz piada de tudo, ou que o Brasil é o país da piada pronta, afirmações que podem ser entendidas como significando que somos o povo mais bem humorado do mundo, por outro. O que importa é que elas têm um sentido contrário à afirmação de Daninos. Talvez a tese corrente entre os brasileiros seja oposta à de Daninos, especialmente se fossem convidados a discutir a relação entre temperatura e sol e senso de humor.

Ao longo do livro, que é uma coletânea de textos dedicados ao humor em diversos países, é fácil encontrar, no entanto, argumentos que desmentem a referida tese, seja no que tange à quantidade maior ou menor de riso em países diversos, seja no que diz respeito aos temas que fazem rir. No final da apresentação do que seriam as características do humor de cada povo (27 textos tratam dessa suposta especificidade, ora falando de países, ora de continentes – haveria um humor africano!), há uma sessão intitulada “Essas histórias os fazem rir”. Os leitores podem fazer um exame desses casos, e sua conclusão será idêntica à minha: qualquer das piadas que, segundo o livro, faz rir um sueco, um turco ou um chinês, pode ser encontrada em alguma coleção de piadas publicada no Brasil.

Eis alguns exemplos:

1) - Vous ne savez pas que c’est défendu de se baigner là? – dit le gendarme à un homme que entre dans l’eau. – Je ne me baigne pas, je me noie! (*a piada faria rir os nórdicos*)

2) Dans un restaurant, deux femmes parlent des homes: “La première chose que je regarde chez un homme, dit l’une, c’est s’il me regarde” (*a piada faria rir os nórdicos*)

3) Le commerçant, sur son lit de mort, a convoqué ses enfants:

- Tu es là, Râm? Approche-toi, mon enfant. Est-ce que Souppan est venu? Et où est donc Koumaran?

Sa femme:

- Ils sont tous là, regarde bien.

- Sacrebleu! Il n’y a donc personne au magasin? (*a piada faria rir os indianos*)

## II. Outros exemplos

Uma piada que passaria por obviamente inglesa, segundo os critérios que estou tentando combater aqui, é mencionada no livro como sendo das que fazem rir os australianos, a despeito de ter sido afirmado anteriormente que o humor inglês

tende a desaparecer quando vai para o outro lado do mundo. Mas eu diria que ela pode ser também uma boa piada brasileira (isto é, no Brasil):

Chegado de viagem, um australiano vai a seu clube. Lá encontra apenas um velho inglês e o convida para beber com ele. – Perdão, eu não bebo; tentei uma vez, mas não gostei. Pouco depois, o viajante lhe oferece um cigarro. – Perdão, eu não fumo; tentei uma vez, mas não gostei. Depois de mais algum tempo, o viajante convida o velho inglês para uma partida de bilhar. – Lamento, diz o inglês, já tentei e não gostei. Mas meu filho vai chegar daqui a pouco, e o senhor pode jogar com ele. – Seu filho **único**, com certeza” (p.269).

Considere-se, agora, uma piada sobre a preguiça dos gregos:

Três gregos estão fazendo sua sesta debaixo de uma figueira. – Caia, figo, que eu quer te comer, diz um deles. Depois de meia hora, diz outro: - Mas como vou te comer? Meia hora depois, diz o terceiro: - Vocês não estão cansados de falar?” (p.159).

Creio não estar enganado se afirmar que qualquer um de nós pode achar a mesma graça que um australiano (ou um inglês) de uma piada que insinua que um homem velho deve ter tido apenas uma relação sexual em sua vida, sobretudo se essa peculiaridade se deve ao fato de ele não ter gostado de sexo quando o experimentou, e ainda mais especialmente se essa característica é sugerida de forma surpreendente – na verdade, mais que todas, esta é a questão crucial. Além disso, poderia afirmar que a piada sobre gregos preguiçosos poderia muito bem ser sobre baianos, exceto pela figueira que, evidentemente, entra na piada apenas como elemento característico da paisagem<sup>1</sup>.

E esperto sinceramente que não seja *disso* que tratam os defensores da dependência cultural do humor. A esta tese de Daninos pode ser contraposto, por exemplo, o estudo de Clastres (1967). O objeto do riso dos índios, segundo se pode ver nas narrativas analisadas pelo antropólogo, são as situações ridículas em que se colocam os pajés, ou seja, são situações que também fazem rir um “civilizado” quando, analogamente, autoridades religiosas ou políticas têm comportamentos que podem ser classificados como baixos.

A leitura de de piadas de vários países (ou de Minois 2003) pode confirmar com facilidade pelo menos duas teses sobre humor diferentes das defendidas nesse livro: a) que os mesmos temas se repetem em todas as culturas; b) que, com muita freqüência, há também uma repetição das técnicas. Das diferentes técnicas que compõem os três grupos mencionados por Freud, só não são gerais as técnicas que dependem de peculiaridades lingüísticas – trocadilhos, duplos sentidos,

---

<sup>1</sup> Um exemplo muito semelhante é o seguinte: três baianos estão na praia, tomando sol, quando passa na avenida próxima um carro em alta velocidade. – Eu queria ter um Volvo como esse, diz um deles cerca de 10 minutos depois. Passa-se meia hora, e outro intervém: - Não era um Volvo, cara, era um BMW. Passa-se meio hora e então diz o terceiro: - Vocês querem parar de discutir ?

manipulação de material fonológico ou morfológico, duplos sentidos ou ambigüidades, idiomatismos tomados “literalmente” etc. Ou seja, não só os temas escapam à tese do “humor cultural” como, em grande medida, as próprias técnicas estão de todos os lados das fronteiras.

Dou mais um exemplo em favor da tese de que os temas e as técnicas de humor se repetem por todos os lugares: abrindo mais ou menos ao acaso o livro *Les écrivains ont de l'humour* (organizado por Mina e André Guillons; Paris: Le Cherche Midi Éditeur), com “dados” tipicamente franceses, confesso que ri (ou seja, reconheci um tema e técnica usuais) lendo a seguinte piada, que traduzo livremente:

Em uma ilha deserta na qual estão desde o naufrágio de seu barco, dois anos antes, uma jovem mulher contempla com prazer o sexo de seu companheiro de infortúnio, no qual estão tatuadas duas palavras: “sempre pronto”. – Puxa! diz ela, não sei o que eu, uma intelectual, teria feito nessa ilha se você não tivesse tido a feliz idéia de trazer alguma coisa para ler... (p.182).

Talvez devesse acrescentar ainda que, embora não sendo cosmopolita, divirto-me à beça, e rio na hora certa, assistindo a programas humorísticos americanos e ingleses, como *Mad about you*, *Seinfeld*, *Coupling* e *Mr. Bean*, ou vendo comédias de Monty Python ou de Woody Allen, exceto quando não entendo os jogos de linguagem<sup>2</sup>

O que faz que certos textos humorísticos não sejam compreendidos *são asicamente*, dois fatores gerais, que não estão relacionados ao “desempenho” particular de ouvintes ou leitores. Eles são relativos ou à manipulação de material lingüístico ou aos eventos a partir dos quais os textos humorísticos funcionam (seu intertexto). Eventualmente, os dois ingredientes se superpõem, ou seja, a técnica envolve tanto a consideração de um pano de fundo conhecido quanto a associação “certa” entre os diversos sentidos possibilitados por determinado material lingüístico.

Podem ser exemplos os seguintes casos:

a) o jornal *Folha de S. Paulo* do dia 02/02/2005 publicou, no espaço usualmente destinado a esse tipo de texto na p. 2, uma charge na qual o presidente, cercado por dois assessores, ouvia de um deles a seguinte sugestão: -Presidente, eu proponho que, de hoje em diante, o jornalista que quiser acusar o governo de autoritário terá que apresentar seus textos 48 horas antes de publicá-los.

Qualquer que seja a interpretação que se dê a essa charge, nos seus detalhes, sua compreensão passa pelo noticiário sobre portaria do Ministério do Planejamento

---

<sup>2</sup> Por exemplo, tive dificuldade para entender o chiste “*gonorrhoea: brazilian vacation*” (citado em Chiaro 1992), mas não para entender este outro: *Teacher: - Winston, give me a sentence with de word indisposition in it. - Winston: - I always play centre forward, 'cos I like playing in this position (The boomer book of 3001 jokes).*

que determinou que o IBGE desse conhecimento ao governo dos resultados de suas pesquisas 48 horas antes de divulgá-los. É um caso típico de humor de circunstância, tanto no sentido de que trata de um tema do dia quanto no de que exige algum conhecimento do tema para que o texto seja compreendido.

b) uma charge de Cláudio publicada em 1993 (Correio Popular, Campinas, SP) apresentava o então ministro da Fazenda na posição de um paciente, a então ministra da Administração na posição e com acessórios típicos de um médico em um ambiente que reproduzia um consultório. Estetoscópio nas costas do ministro, a ministra dizia: - **Diga 33.**

A charge é completamente incompreensível sem um conjunto de informações. As necessárias são: a) o ministro da Fazenda anunciara estudos segundo os quais o aumento do funcionalismo público federal poderia ser de no máximo 17%; b) segundo os cálculos da ministra da Administração, esse aumento poderia chegar a 33%. Com esses dados, mesmo sem saber que se tratava, respectivamente, de Eliseu Resende e de Erundina da Silva, a charge se torna legível. Se se estabelecer também uma relação com o fato de que, em certas consultas médicas, pode ocorrer de fato a cena representada na charge (um médico nos manda dizer “33” enquanto ausculta nosso pulmão), o efeito de humor pode ser mais intenso.

Os textos humorísticos, exploram certos fatos e também outros textos, próximos e distantes, como o fazem também outros gêneros. O que nos faz pensar que o humor é cultural, ou mais dependente de fatores culturais do que outros fenômenos é, em geral, o desconhecimento dos dados e, o fato de que, no caso do humor, há uma manifestação clara de seu funcionamento, o riso. Quando não ocorre, atribuímos esse fato a uma diferença de cultura. Mas creio que confundimos o que é apenas uma manifestação mais ou menos lateral como que seria uma característica definidora.

### III. Uma explicação alternativa

É na segunda parte de seu livro sobre os chistes, que chama de parte sintética, que Freud (1905), ao discutir o mecanismo do prazer que o chiste provoca, expõe uma tese extremamente relevante para a compreensão do funcionamento do discurso humorístico. Freud divide as técnicas do chiste em três grandes grupos no que se refere a sua capacidade de provocar prazer (pp.139-150). Nos três casos, por caminhos diferentes, trata-se de economia psíquica – em linguagem mais leiga, de poupança ou economia de esforço. No primeiro grupo, aquele em que a fonte do prazer seriam as próprias técnicas, Freud situa os chistes que se baseiam no jogo de palavras, casos em que, segundo ele, nossa atividade psíquica focaliza o som ao invés do sentido, o que provoca prazer pelo fato de que, não utilizando as palavras “seriamente”, nos desobrigamos de um certo esforço. No terceiro grupo, que, em sua maior parte, engloba chistes conceptuais, Freud computa os raciocínios falhos, os deslocamentos, os absurdos etc., casos em que o prazer deriva do fato de que é

mais fácil confundir coisas diferentes do que contrastá-las, e é especialmente conveniente admitir como válidos métodos de inferência rejeitados pela lógica etc.

No segundo grupo, Freud inclui unificação, similaridade de som, uso múltiplo, modificação de expressões familiares, alusões a citações (diversas formas de “condensação”, como se vê). Segundo ele, nesses casos, o prazer deriva do fato de que “algo familiar é redescoberto, onde poderíamos, pelo contrário, esperar algo de novo” (p.143).

Gostaria de me deter um pouco mais nesse último tópico, que está intimamente relacionado ao tema deste trabalho. Freud afirma que “geralmente se concorda em que a redescoberta do que é familiar, o ‘reconhecimento’, é gratificante” (p.143), e acrescenta, que, havendo íntima relação entre reconhecimento e rememoração, “não é temerário supor que possa haver também um prazer na rememoração – que o ato de recordar seja em si mesmo acompanhado por um sentimento de prazer de origem semelhante” (p.144).

Mas é o que Freud diz na seqüência que mais me interessa. Segundo ele, a redescoberta do que é familiar está na base de um outro recurso muito utilizado nos chistes, o fator *atualidade* (grifo meu). Freud assinala que há muitos chistes independentes desse fator, e, acrescenta, “numa monografia sobre chistes, somos obrigados a fazer uso quase exclusivo de chistes dessa espécie” (p. 145), isto é, de chistes não atuais. Compreende-se facilmente o sentido do que Freud diz: se os chistes fossem muito circunstâncias, as explicações teriam que ser muito longas.

Como Freud está discutindo a questão do prazer que os chistes provocam, e não, propriamente, suas condições de produção ou de recepção, estende-se um pouco mais sobre o tema, afirmando, por exemplo, que “talvez nos rimos mais francamente daqueles [chistes] que ora nos são de difícil uso, porque requerem comentários mais extensos e, mesmo com tal ajuda, não produziram o efeito original” (p.145). O comentário de Freud parece absolutamente pertinente. Posto em outros termos, é como se dissesse que os chistes que dependem da atualidade, quando são repetidos em outras circunstâncias que não aquelas em que são produzidos, precisam ser explicados para serem compreendidos e produzirem, assim, algum efeito de prazer, de que o riso é uma testemunha. Ora, se é preciso explicá-los, enfraquece-se, quando não desaparece, uma das características fundamentais para a produção de prazer derivada tipicamente do chiste, que é a descoberta de seu “sentido” pelo ouvinte. Esse fator é tão relevante que há mesmo quem defenda que, a rigor, a piada é um gênero oral, o que é uma das formas de dizer que as circunstâncias são efetivamente cruciais, embora dizer que se trata de um gênero oral não implique necessariamente que a reprodução esteja excluída. Mas é mais ou menos evidente que, escrita, a piada está, em princípio, ou muito provavelmente, distante de seu momento – e de um conjunto de condições relevantes – de produção.

Para dar sustentação a sua tese, Freud comenta alguns chistes. Vale a pena mencionar um deles porque, se era atual quando Freud escreveu seu livro, não o é mais hoje, e, assim podemos fazer uma espécie de prova da tese freudiana. Além

disso, inclui um elemento que me permitirá passar definitivamente para meu tema. Diz Freud:

Eis um chiste que é ainda atual: ‘A Princesa Real Louise aproximou-se do crematório em Gotha perguntando quanto custava uma *Verbrennung* (cremação). O gerente respondeu: ‘Normalmente, cinco mil marcos; mas à *senhora* lhe custará apenas três mil por já ter sido *durchgebrannt* [literalmente, ‘ter sido queimada’, gíria para ‘fugido’] uma vez’. Um chiste como esse hoje nos soa irresistível; a curto prazo, perderá substancialmente nossa estima: um pouco mais tarde, a despeito de constituir um bom jogo de palavras, perderá seu efeito inteiramente, sendo daí impossível repeti-lo sem acrescentar um comentário explicativo de quem fora a Princesa Louise e em que sentido fora ela *durchgebrannt*. (pp.145-6)

Creio que não há como discordar de Freud no que se refere a esta questão. Sobre a segunda parte de sua última afirmação, inclusive, todos podemos atestar que ele tem razão absoluta – pelo simples fato de que precisamos de uma boa explicação para compreender, e, assim, eventualmente, rir do chiste narrado por Freud. E, por isso, valeria certamente a pena explicitar em que medida o fato de um chiste perder seu efeito ou exigir explicações tem a ver com os processos pelos quais um chiste é compreendido pelos leitores ou ouvintes.

#### IV. Conclusão

O que espero ter mostrado é que o discurso humorístico, nos diversos gêneros textuais em que se materializa, faz apelo a um saber, a uma memória – mas não necessariamente a uma cultura específica. E que o que faz um texto “falhar” é fundamentalmente a ausência dessa memória ou desse saber (exceto quando o que falha é um jogo ou uma associação verbal). Mas essa não é uma característica exclusiva do humor. Fato análogo pode fazer falhar um poema, um romance, um filme, ou, pelo menos, uma passagem de obras como essas. Os textos podem fazer apelo a memórias diferentes, de “prazo” diferente (seja em seu aspecto psicológico, seja em seu aspecto histórico, que, creio, podem ser associados de alguma forma). A falta de informação cultural é, portanto, apenas uma das manifestações de uma exigência que todos os textos fazem aos co-enunciadores.

#### References

- Almeida, M.E. (2000). *La deixis en portugais et en français*. Louvain-Paris: Editions Peeters.
- Clastres, P. (1878). Do que riem os índios? In P. Clastres, *A sociedade contra o estado* (pp. 90-105). Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves.

Daninos, P. (Ed.). (1953). *Le tour du monde du rire*. Paris: Hachette.

Freud, S. (1905). *Os chistes e sua relação com o inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago.

Lakatos, I. (1970). O falseamento e a metodologia dos programas de pesquisa científica. In I. Lakatos, & A. Musgrave (Eds.). *A crítica e o desenvolvimento do conhecimento*. (pp. 455 – 509). São Paulo: Cultrix / Edusp.

Minois, G. (2003). *História do riso e do escárnio*. São Paulo: Editora da Unesp.

Pagnol, M. (1953). De quoi rit le monde? In P. Daninos (Ed.), *Le tour du monde du rire*. Paris: Hachette.

Popper, K. (1959). *A lógica da pesquisa científica*. São Paulo: Cultrix.

Popper, K. (1963). *Conjeturas e refutações*. Brasília: Editora da UNB.

Possenti, S. (1998). *Os humores da língua*. Campinas: Mercado de letras.